

Espaços públicos e insegurança: configurações, agentes e conflitos

Denyse Pereira Neves Delgado
Mário André de Freitas Lawall

Resumo

O presente trabalho inscreve-se no campo de debate do espaço público, tendo a noção de insegurança, no sentido do uso e permanência ou não nos lugares coletivos, como um dos principais eixos de análise tendo em vista as práticas de gestão urbana na criação e gestão desses espaços públicos vis-a-vis com a degradação constante dos mesmos. A análise aqui desenvolvida busca ampliar esta discussão a partir do estudo de caso da cidade média de Juiz de Fora, Minas Gerais, e faz parte de um projeto de pesquisa de mesmo título, desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Na perspectiva crítica, a pesquisa objetivou identificar os elementos que caracterizam o espaço público quanto à presença da insegurança, sobretudo no que tange as configurações urbanas, arquitetônicas e das relações entre os agentes do espaço, além de analisar como os mesmos entram em decadência ou se dinamizam através do reconhecimento destes lugares como bem comum à cidade. No decorrer da pesquisa, foram selecionados dois espaços públicos – Praça Olavo Costa, localizada no Bairro Bauri e conhecida como “Praça da Baleia”, e a Praça Afonso Botti, localizada no Bairro Mundo Novo – para estudo *in loco* e, posteriormente, diagnóstico, entrevistas, análises dos resultados observados e apontamentos para reestruturação dos mesmos. Com alguns resultados semelhantes, mas também distintos, observou-se que em ambas as praças a dimensão simbólica da sua existência é proporcional ao convívio dos moradores nas mesmas. O reconhecimento da importância desses espaços perpassa a memória coletiva das lembranças construídas socialmente na formação do bairro até manutenção (ou não) dessas praças no que tange na dimensão sócio-ambiental e arquitetônica-urbanística, regredindo, por vezes, para a política. Observou-se, em paralelo, que o conceito social dos espaços públicos - lugares de encontro, tolerância, mistura de raças e interação entre as pessoas – esbarra nos problemas urbanos no que tange a segurança. Partindo do pressuposto que o crime não é simplesmente um fato individual, mas um fato social que revela desequilíbrios na estrutura da sociedade onde se produz, os espaços públicos estão expostos aos problemas de todas as rupturas sociais, mas, também, se apresentam como pontos estratégicos para legibilização de uma experiência urbana positiva mais intensa, no sentido de oportunizar políticas sociais, espaços democráticos, potencial visual e expressão de toda complexidade da própria sociedade aonde estão inseridos. Nesse sentido, a experiência mostrou que a apropriação e uso do local, com atividades e outros atrativos é essencial para diminuir a insegurança e trazer maior bem estar, apresentando-se como meio de trazer o usuário à praça, tendo assim uma maior integração de ambos, além de mostrar o papel essencial do arquiteto na criação de espaços de convivência e bem estar para a sociedade. Ao longo

deste trabalho procurou-se demonstrar a importância de reconhecermos os impactos – positivos e negativos – de espaços públicos sobre a cidade, que deveriam ter a sua configuração voltada para a melhoria da qualidade de vida e da cidadania, mas que, sem o seu devido planejamento, tornam-se espaços inseguros, que favorecem a criminalidade e impedem os encontros, lazer e participação da população.

Palavra-chave: Espaços públicos. Insegurança. Sociedade. Integração.

**Esquecimento e perpetuação:
a participação do negro na arquitetura brasileira**

Tiago Cunha
Thaiane Rodrigues

Resumo

Este estudo objetiva investigar através da revisão bibliográfica e iconográfica as contribuições e influências africanas na arquitetura brasileira, visto que, no Brasil se celebra o fato de que o povo e a cultura brasileira são resultado da mistura de indígenas, negros e brancos, porém raramente são celebradas as contribuições de origem africana, com ausência de estudos, do ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, o que cria uma grande lacuna e perpetua estereótipos e a ideia de que a arquitetura brasileira seria mera transposição da arquitetura portuguesa para terras reinóis. Como afirma Rudolfsky “A história da arquitetura como escrita e ensinada no ocidente, nunca se preocupou com mais do que algumas culturas”. (RUDOLFSKY, 1965, p. 02). Segundo registros históricos, não há participação intelectual dos escravos, como afirma Weimer (2014, p.162) “Nela o africano comparece – quando comparece – como um elemento passivo, sem vontade e sem iniciativa, (...). Assim, o negro teria sido um mero subordinado às vontades dos colonizadores.” Tal afirmação é considerada um convite para um estudo aprofundado em busca da desconstrução de tal ideia, pois ao longo de séculos de exploração escrava ocorreram mudanças na economia Brasileira, que resultaram num convívio mais próximo entre escravos e senhores, levando ao surgimento de diferentes tipologias arquitetônicas, modificando a arquitetura popular e a erudita. Neste estudo, o enfoque volta-se para a arquitetura popular, onde a arquitetura afro-brasileira será estudada como uma arquitetura comum, como afirma Belluschi “uma arte comunal (...) produzida pela atividade espontânea e continua de um grupo de pessoas com herança comum agindo sob experiências semelhantes” (BELLUSCHI apud RUDOLFSKY, 1965, p. 08). O estudo pretende também entender os desdobramentos espaciais e manifestações arquitetônicas como representação das relações e dinâmicas sociais, uma vez que LEFEBVRE (1994, p. 32) nos adverte “que ao mesmo tempo em que o espaço carrega consigo simbolismos explícitos ou clandestinos – representações das relações de produção (...) transmite, também, as mensagens hegemônicas do poder e da dominação”. Nesse sentido, são analisados as formas de ocupação do espaço e seus subsequentes desdobramentos, desde as formas de ocupação territorial quilombolas até sua distribuição no território urbano, onde desde os tempos da colônia “(...) se mantinha a segregação entre a população branca e a negra, esta habitando a periferia da cidade, em condições de indigência, que hoje chamaríamos de favelas” (WEIMER, 2014. p. 222). Esse aspecto segregacionista ainda hoje ecoa nas cidades brasileiras, repletas de favelas devido à adoção do modelo de intervenções urbanas como as realizadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro, e no déficit habitacional ainda hoje sem solução, originado após a abolição da escravidão, quando surgem intensos fluxos migratórios em direção às cidades do país. Em Suma, a identidade arquitetônica Brasileira é um resultado híbrido e pluricultural, que agrega

aspectos portugueses, indígenas e africanos. Porém, de maneira preconceituosa, celebra apenas aspectos isolados dessa arquitetura enquanto relegam ao esquecimento as contribuições africanas, o que se reflete na perpetuação de políticas segregacionistas.

Palavras-chave: Segregação Socioespacial. Arquitetura Escrava. Habitação social.

Medição de dados microclimáticos em praças de Juiz de Fora - MG

Virgínia Campos Grossi
Júlia Lima Adário
Renata Magalhães Machado

Resumo

O texto relata o processo e os resultados da pesquisa proposta para as disciplinas de Projetos e Seminários I e Projetos e Seminários II do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. As questões conceituais, ambientais, técnicas, estéticas e funcionais desempenham papéis complementares durante o processo do Projeto Arquitetônico, exigindo constante simulação, experimentação e pesquisa entre eles. Dentro deste contexto, a investigação in loco torna-se uma oportunidade fundamental de aprendizado, definindo-se como espaço de produção de conhecimento e verificação da bagagem teórica adquirida. Devido a importância dos espaços públicos e de suas características microclimáticas, a pesquisa é baseada na investigação in loco do microclima da Praça Doutor João Penido (Praça da Estação) e da Praça Jarbas de Lery Santos (Praça São Mateus), ambas localizadas em Juiz de Fora - MG, possibilitando diversas análises dos dados colhidos. O objetivo principal é gerar dados térmicos das superfícies de piso, junto às medições de temperatura, umidade e iluminância que permitam elaborar uma reflexão a respeito do microclima resultante das praças na malha urbana, estabelecendo comparativos quantitativos e qualitativos. A pesquisa assumiu o pressuposto, de que, as praças adotadas como objeto de estudo apresentam características urbanísticas semelhantes, corroborando para a viabilidade da pesquisa em termos comparativos. As medições ocorreram no mês de maio de 2016, entre os horários de 13:30 horas às 14:30 horas. Os equipamentos utilizados para a medição dos dados foram: (i), Luxímetro Digital Portátil Modelo LD-220 Light Meter Pro e (ii) Instrutherm THDL – 400 Environment Meter. Foram estabelecidos três pontos específicos de medições em cada praça, e nesses pontos foram consideradas diferentes pavimentações. Os dados colhidos in loco permitiram o desenvolvimento de análises em três campos diferentes e complementares: (i) máscara de sombra do entorno, (ii) diagrama do zoneamento bioclimático e (iii) análises comparativas através de gráficos. A máscara de sombra foi elaborada de acordo com bibliografia específica, a partir da Carta Solar que expõe a trajetória do sol para a latitude 21º Sul. Através dela, pôde-se observar a relevância das edificações e da massa verde do entorno imediato de cada praça, além da relação destes dados com o microclima local. O Zoneamento Bioclimático foi realizado através do Diagrama Bioclimático da cidade de Juiz de Fora gerado pelo software livre “Analysys Bio” disponível pelo Laboratório de Eficiência Energética em Edificações - LABEEE. Nele, foram inseridos e comparados os dados colhidos em campo da temperatura do ar e da umidade relativa das praças. Com os dados das medições, também foi possível organizar gráficos comparativos entre a temperatura dos diferentes pisos das praças nos momentos de medições, entre o microclima dos pontos

demarcados em cada praça e entre o microclima das praças, gerando reflexões e interpretações. Os resultados visam alimentar a discussão sobre a eficiência e o desempenho dos materiais adotados como revestimentos de piso das praças analisadas, além de demonstrar a influência do entorno imediato nas características dos resultados. Através da pesquisa, observou-se que o clima, os materiais de revestimento das praças e as observações colhidas in loco (horário de sombreamentos, edificações do entorno, fluxo de pedestres, ventos, entre outros) interferem diretamente no microclima das praças. Conclui-se que, é importante estudar as características do microclima local e considerá-las sobretudo nas áreas públicas de lazer, para entender melhor e qualificar o conforto ambiental (principalmente térmico) do local. Acredita-se que levando em conta estas considerações durante o Projeto Arquitetônico, pode-se trazer melhor bem-estar, conforto e qualidade de vida aos usuários.

Palavras-chave: Microclima de praças. Análise Bioclimática. Conforto ambiental.

Operações fragmentárias na contemporaneidade:
a desmaterialização da escultura contemporânea e a remodelação da
arquitetura museal

Henrique Grimaldi Figueiredo

Resumo

A década de 1980 caracterizou-se por uma profunda alteração nas concepções ideológicas de mundo em que a percepção usualmente linear e estruturalista moderna foi vorazmente substituída pela incursão de um pensamento fractal, pós-moderno. Flüsser (2011), ao discorrer sobre as transformações culturais na sociedade contemporânea, identifica o homem do final do século XX como pós-histórico, isto é, um homem que substituiu o formato de pensamento telológico e retilíneo por modelos mais complexos e irregulares. A inauguração de um pós-humano – que é simultaneamente pós-moderno e pós-histórico – culmina em remodelações conceituais e materiais de sua expressão cultural. Para Bauman (2000), são estes tensionamentos ideológicos que ratificam os processos de liquefação da cultura contemporânea desdobrando-se em reformulações de campos até então relativamente estáveis, sendo a arte – trabalhada nesta pesquisa, exclusivamente sob a ótica da escultura – um destes sistemas em evidente remodelação. Para Archer (2013), a desmaterialização da arte, em vigoroso processo a partir da década de 1970, altera profundamente a apresentação conceitual e material da escultura, refletindo conseqüentemente em seus espaços de exposição. A escultura contemporânea sofre uma série de operações plásticas responsáveis pela sua fragmentação e sublimação – desde a fagocitose do pedestal como apontado por Krauss (2007) até o desaparecimento total do objeto nas experimentações tecnológicas de Jeffrey Shaw – sendo tais operações um reflexo direto de uma incapacidade cronológica do suporte. A escultura contemporânea não responde de forma direta a tradição dos movimentos anteriores, submetendo-se, na contemporaneidade, a leis muito próprias e nebulosas. Ao ser incapaz de obedecer os cânones de sua tradição, a escultura desliga-se de uma imagética conhecida e esperada e passa a ser criada através de outras inquietações. Para Moszynska (2013), a escultura como é produzida na contemporaneidade submete-se mais a uma concepção temática do que a uma inquietação do suporte (quanto à sua própria história e tradição). Logo, ao reformular-se e atualizar-se, o suporte escultórico exige – mesmo que de forma indireta – uma resposta de seus espaços expositivos. O museu moderno, redesenhado para atender uma tradição vanguardista de escultura, apresenta-se ainda hermético, atuando sob a égide do “cubo branco” como teorizado por O’Doherty (1986). Contudo, a atualização da escultura na atualidade exige do espaço expositivo uma coerência conceitual com seu discurso, englobando o espaço museológico em sua fruição. A era das exposições espetáculo clama por um museu espetáculo em que a noção cirúrgica da sala expositiva vai sendo lentamente substituída pelo conceito da “caixa preta”, como apontado por Gonçalves (2004); responsável pela ativação da arquitetura museal como espaço cênico: um local teatralmente preparado para as interconexões entre

obra e observador. Esta pesquisa pretende identificar através de uma extensa investigação e revisão bibliográfica, assim como de uma análise crítica, os processos de atualização da escultura na atualidade e como tal reformulação irrompe uma drástica alteração nos espaços museológicos como tradicionalmente conhecidos. Tal reflexão torna-se necessária uma vez que visa apontar as principais tendências dentro do suporte artístico, permitindo assim, prever mesmo que de forma não axiomática as necessidades e problemáticas dos espaços museológicos e inferir um novo olhar sobre a arquitetura de museus. Através de tais observações comprova-se uma crucial inevitabilidade de revisão do mecanismo museológico, identificando um descompasso entre objeto(escultura) e invólucro(museu). As alterações da escultura contemporânea e do museu como espaço dinâmico apontam de modo pungente para uma atualização da própria cultura.

Palavras-chave: Escultura contemporânea. Museu. Arquitetura.